

NOMES PRÓPRIOS: AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A MOBILIZAÇÃO DAS OPERAÇÕES MENTAIS DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS ESTUDANTES A PARTIR DE CONCEITOS SUBSTANTIVOS

MARCELO FRONZA*

Introdução

Pretendo compreender, neste artigo, quais são as operações mentais da consciência histórica que os jovens estudantes de quatro escolas públicas de ensino médio brasileiras mobilizam quando leem histórias em quadrinhos, que confrontam duas interpretações diversas sobre uma mesma experiência do passado: a Independência do Brasil. O meu objetivo foi compreender quais as categorias mobilizadas pelos jovens estudantes do ensino médio para expressar os conceitos de intersubjetividade e verdade ligados a sua identidade histórica.

Nesse sentido, compreendo que conceitos históricos ligados aos nomes próprios (RÜSEN, 2007: 93), dão sentido às ideias substantivas¹ apresentadas aos estudantes quando leram duas versões históricas em quadrinhos. Entendo que o potencial protonarrativo dos nomes próprios e das imagens, ligados aos sujeitos históricos que os estudantes reconheceram nos quadrinhos, fornecem possibilidades de interpretação sobre o modo como eles mobilizam as operações mentais da consciência histórica: a experiência, a interpretação e a orientação.

Os nomes próprios², portanto, são conceitos substantivos que constituem marcos para a construção de ideias histórias que fornecem um fio narrativo para a construção de

* Professor adjunto do Departamento de História da Universidade federal do Mato Grosso, campus Cuiabá, e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

¹ O historiador inglês Peter Lee (2006) estabelece alguns princípios da cognição histórica: os conceitos substantivos referem-se aos conteúdos específicos da História, tais como Egito Antigo, Império Romano, Renascimento, Revolução Industrial, etc.; e os conceitos de segunda ordem, são os que estão ligados às ideias históricas estruturais do pensamento histórico, qualquer que seja o conteúdo, tais como as categorias temporais — permanências, rupturas, periodizações, etc. — e também aquelas relacionadas às formas de compreensão histórica, como os conceitos de explicação histórica, evidência, inferência, empatia, significância, imaginação, objetividade, verdade e narrativa históricas.

² Os nomes próprios — tais como Júlio César, D. Pedro I, América portuguesa, Copa do mundo, Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão de 1789, Governo Geisel — são conceitos geralmente baseados nas fontes históricas de uma determinada época, mas podem, também, receber seus nomes posteriormente pelos

interpretações históricas. Segundo Jörn Rüsen (2009: 9-10), imagens e símbolos, dentre os quais podem ser aproximados, por analogia, os nomes próprios, interferem na atividade rememorativa da consciência histórica, mas não são histórias. No entanto, geram as mesmas. Como “portadoras de sentido” ou “semióforas”, as imagens fascinam a consciência histórica. Elas têm uma função importante na produção de interpretações históricas da experiência do tempo e um papel relevante na construção de modelos interpretativos: podem ser “princípios transmissores de significados e geradores de sentido na interpretação temporal”. Isso, mesmo não estando organizadas em narrativas.

A função narrativa das imagens e dos nomes próprios se objetiva quanto se tornam marcos para a formação de uma “constelação” ou interpretação histórica. Com isso, pode-se dizer que as imagens ocupam o lugar de uma história. Em outras palavras, são uma “abreviação narrativa” que fornece sentidos e significados para algum tipo de narração histórica ou elementos para a construção de uma história (RÜSEN, 2009:10).

A narrativa histórica é a expressão da consciência histórica mobilizada por três operações mentais. A operação da experiência histórica se objetiva nas relações entre o passado e presente inferidos a partir de evidências pautadas em fontes e testemunhos históricos. A operação mental da interpretação histórica diz respeito aos quadros de interpretação teóricos que dão significado às experiências históricas. Já a operação da orientação histórica fornece o sentido orientação no tempo entre passado, presente e futuro organizado por uma ideia histórica que estrutura as interpretações e as experiências históricas tendo em vista a construção, pelo sujeito, de uma identidade pautada no auto conhecimento a partir do outro (RÜSEN, 2001).

As histórias em quadrinhos na relação entre a cultura jovem e as ideias de intersubjetividade e verdade histórica

O público alvo dessa pesquisa são 125 estudantes, com idades de 14 a 27 anos, do segundo ano do ensino médio de quatro escolas públicas brasileiras: em São João dos Patos,

historiadores. Essas ideias referem-se aos estados de coisas e sujeitos do passado em sua ocorrência singular em um contexto histórico (RÜSEN, 2007: 93; SOBANSKI *et al.*, 2010: 24).

Maranhão (43 estudantes); Três Lagoas, Mato Grosso do Sul (26 estudantes); Vitória da Conquista, Bahia (33 estudantes); e Curitiba, Paraná (23 estudantes). Os jovens desses colégios foram investigados em 09, 18 e 30 de maio e 06 de outubro de 2011, respectivamente. Para isso, produzi um instrumento de investigação (FRONZA, 2012: 450-454) baseado nos critérios metodológicos da pesquisa qualitativa, a partir do trabalho de Michelle Lessard-Hébert (LESSARD-HÉBERT, GOYETTE & BOUTIN, 2005).

Esse instrumento de investigação contém o confronto de fragmentos de duas histórias em quadrinhos que têm a pretensão de abordar didaticamente, a partir de critérios historiográficos, a temática da Independência do Brasil ocorrida em 7 de setembro de 1822. A primeira, versão A, denominada **A Independência do Brasil**, foi produzida totalmente por quadrinistas (DINIZ & EDER, 2008: 41-45).

Versão A



DINIZ, André; EDER, Antonio. **A Independência do Brasil**. São Paulo: Escala Editorial, 2008, p. 44.

A segunda história em quadrinhos, a versão B, chamada **Da Colônia ao império: um Brasil pra inglês ver...**, foi roteirizada pela historiadora brasileira Lilia Moritz Schwarcz (PAIVA & SCHWARCZ, 1995: 5-9).

Versão B



PAIVA, Miguel; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Da Colônia ao Império: um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito*. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 8.

Seguindo os critérios de Peter Lee (LEE & ASHBY, 2000; LEE, 2006), essas histórias em quadrinhos que procuram evitar anacronismos em relação aos sujeitos e às situações do passado representadas.

A partir disso, apresento a pergunta voltada para respostas diretas e abertas referentes ao reconhecimento de personagens que realmente existiram; essa questão exigiu uma justificativa argumentativa referente a esses personagens. Essa pergunta investigativa foi inspirada nas questões que fiz no estudo exploratório de minha dissertação de mestrado (FRONZA, 2007) e no livro didático inglês *Skill in History* (SHUTER & CHILD, 1990) e tem como objetivo diagnosticar os conteúdos substantivos e os nomes próprios que os jovens entendem como verdadeiros. A questão a ser abordada é: “*A partir das versões A e B, quais os personagens do passado você acha que realmente existiram? Por quê?*”. As respostas dos jovens estudantes das quatro escolas brasileiras a esta questão foram organizadas por meio das tabelas 1 e 2.

TABELA 1 – PERSONAGENS DO PASSADO QUE ACREDITA QUE REALMENTE EXISTIRAM

| Personagens do passado | | Curitiba - PR | São João dos Patos - MA | Três Lagoas - MS | Vitória da Conquista - BA | Nº de jovens |
|------------------------|-------------------------|---------------|-------------------------|------------------|---------------------------|--------------|
| Sujeitos Individuais | D. Pedro I (príncipe) | 16 | 33 | 21 | 23 | 211 |
| | José Bonifácio | 6 | 22 | 10 | 15 | |
| | D. Leopoldina | 6 | 21 | 9 | 13 | |
| | O mensageiro | 1 | 1 | 2 | 4 | |
| | Portugal | 0 | 2 | 0 | 0 | |
| | Soldado inglês | 0 | 0 | 1 | 0 | |
| | Napoleão | 0 | 1 | 0 | 0 | |
| | Cavalo de D. Pedro | 0 | 1 | 0 | 0 | |
| | D. Pedro Álvares Cabral | 0 | 1 | 0 | 0 | |

| Personagens do passado | | Curitiba - PR | São João dos Patos - MA | Três Lagoas - MS | Vitória da Conquista - BA | Nº de jovens |
|------------------------|--|---------------|-------------------------|------------------|---------------------------|--------------|
| Sujeitos Coletivos | Espanha | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| | Lisboa | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| | Personagens da versão A | 5 | 1 | 5 | 3 | 14 |
| | Soldados, capitães (Caravana ou comitiva de D. Pedro) | 1 | 4 | 5 | 3 | 13 |
| | Personagens da versão B | 0 | 3 | 1 | 0 | 4 |
| | Índios | 0 | 3 | 0 | 0 | 3 |
| | Todos os personagens | 0 | 1 | 1 | 0 | 2 |
| | Personagens imaginários | 0 | 2 | 0 | 0 | 2 |
| | A maioria | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| | A minoria | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| | Padres patriarcas | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| | Portugueses | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| | Autores dos HQs | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| | Nenhum | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| | Não responderam | 1 | 2 | 0 | 5 | 8 |

Foi possível indicar duas categorias organizadoras das respostas dos jovens: sujeitos individuais, com duzentos e onze indicações, e sujeitos coletivos, com quarenta e três citações.

Entre os sujeitos individuais denota-se a importância dada pelos alunos à existência de D. Pedro relevante para a História do Brasil. Mas o resultado mais impressionante foi a alta indicação dos personagens históricos de José Bonifácio e de D. Leopoldina. O que é diferente nessas escolhas foi que na Versão A esses personagens aparecem somente no primeiro quadrinho e nas assinaturas das cartas recebidas por D. Pedro no sétimo e oitavo quadrinhos, e na Versão B são citados somente em uma fala de D. Pedro após ler a carta. Isso indica a força desses personagens históricos entre os jovens quando o tema é a Independência do Brasil. O mensageiro foi considerado um personagem relevante para os jovens. Como será visto adiante o mensageiro é um personagem com quem os estudantes se identificam, pois foi interpretada como uma pessoa do povo responsável por dar a carta que fez D. Pedro declarar a Independência. Também apareceram os nomes próprios Portugal, Espanha e Lisboa, Napoleão, o soldado inglês e o cavalo de D. Pedro. Inclusive foi citado Pedro Álvares Cabral, numa aparente confusão anacrônica com o personagem de D. Pedro.

Já entre os sujeitos coletivos predominaram como personagens históricos os que foram representados na Versão A. Os soldados, sejam enquanto capitães, sejam como uma caravana

ou uma comitiva de D. Pedro também foram identificados. Alguns jovens apontaram os personagens da Versão B como realmente existentes. Contudo, entendo como relevantes as citações de jovens maranhenses em relação aos índios, até porque esses personagens não estavam representados em nenhuma das versões em quadrinhos abordadas nessa pesquisa. Compreendo que a indicação de índios por esses estudantes tem a ver com um reconhecimento identitário a partir desse outro indígena, seja por meio das tradições da cultura escolar seja devido à proximidade da cidade de dois territórios indígenas maranhenses (Porquinhos dos Apaniekrá e Rodeador dos Guajajara). Foi indicada a citação genérica “todos os personagens” e também os personagens imaginários. Outros personagens históricos identificáveis que foram indicados são os padres patriarcas (provavelmente os patriarcas da Independência) e os portugueses. Citações genéricas tais como a maioria, a minoria e os autores dos HQs também foram aventados.

Para que sejam compreendidas essas escolhas é preciso investigar as justificativas dadas por esses jovens expressas na tabela 2. As respostas e justificativas podem ser sintetizadas a partir de uma estrutura pautada nas três operações da consciência histórica (experiência, interpretação e orientação) que organizam as justificativas do porquê da escolha dos sujeitos individuais e coletivos³.

TABELA 2 – JUSTIFICATIVA SOBRE A ESCOLHA DOS PERSONAGENS DO PASSADO QUE ACREDITA QUE REALMENTE EXISTIRAM

| Operações Mentais | Categorias mobilizadoras | Curitiba - PR | São João dos Patos - MA | Três Lagoas - MS | Vitória da Conquista - BA | Nº de jovens |
|-------------------------|---|---------------|-------------------------|------------------|---------------------------|--------------|
| Experiência Histórica | O passado como autoridade da tradição | 3 | 3 | 2 | 3 | 11 |
| | Relação com a aprendizagem histórica | 1 | 3 | 3 | 4 | 11 |
| | Relação com as evidências históricas | 2 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| Interpretação Histórica | O significado do outro nas HQs | 1 | 4 | 4 | 3 | 12 |
| | Relação com a verdade histórica | 0 | 0 | 4 | 0 | 4 |
| | Relação com o método histórico | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| | Interpretação da experiência do passado | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |

³ Nem todas as categorias mobilizadoras serão apresentadas neste artigo, somente as mais relevantes.

| Operações Mentais | Categorias mobilizadoras | Curitiba - PR | São João dos Patos - MA | Três Lagoas - MS | Vitória da Conquista - BA | Nº de jovens |
|------------------------|--|---------------|-------------------------|------------------|---------------------------|--------------|
| Orientação Histórica | O outro como sujeito da identidade nacional | 3 | 16 | 5 | 4 | 28 |
| | A memória histórica como identidade nacional | 7 | 2 | 2 | 3 | 14 |
| | Relação estética com o passado | 3 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| | O passado como mudança | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| Sujeitos individuais | | 2 | 4 | 2 | 8 | 16 |
| Sujeitos coletivos | | 0 | 5 | 1 | 0 | 6 |
| Personagens ficcionais | | 0 | 3 | 1 | 2 | 6 |
| Não responderam | | 1 | 2 | 0 | 6 | 9 |

Assim foram organizadas as categorias mobilizadas pelos jovens:

1. EXPERIÊNCIA HISTÓRICA

A operação mental da experiência histórica foi mobilizada por vinte e quatro estudantes nas seguintes categorias:

1.1 O passado como autoridade da tradição

Onze alunos mobilizaram ideias ligadas à categoria “o passado como autoridade da tradição”, sendo que as indicações ficaram equilibradas entre as quatro escolas brasileiras. Eis algumas respostas:

“D. Pedro existiu, pois declarou a Independência. E no Brasil esta data ficou sendo comemorada, pois fizeram o feriado de 7 de setembro” (Mariam – 16 anos – Curitiba).

“D. Pedro. Versão A. Porque eu já estudei a História do Brasil e D. Pedro era um personagem” (Valéria – 15 anos – Três Lagoas).

“D. Pedro, Leopoldina e José Bonifácio. Em minha opinião eles existiram. Porque se eles estão escritos na história em quadrinhos porque alguém iria mentir sobre isso? Isso é muito importante” (Ilíria – 15 anos – Vitória da Conquista).

Esses jovens expressaram quatro argumentos para fundamentar a mobilização da autoridade da tradição ao justificar sua escolha. Mariam indicou que D. Pedro foi o principal agente da Independência brasileira de tal modo que a data de 7 de setembro passou a ser comemorada como um feriado. Aqui o argumento da tradição se sustenta na instituição de

feriados nacionais. Já Valéria, ao destacar o modo como D. Pedro foi representado na Versão A, defendeu que esta é a que mais se aproxima da História do Brasil estudada na escola. Aqui a dimensão estética dos quadrinhos intervém na dimensão cognitiva pela suposição dessa jovem da concordância entre a narrativa em quadrinhos e a narrativa histórica escolar (RÜSEN, 2007). Ilíria utilizou como argumento o fato de D. Pedro, Maria Leopoldina e José Bonifácio estarem “escritos na história em quadrinhos” e nada justificaria os autores mentirem. Essa jovem dá a entender que, implicitamente, o conhecimento desses personagens do passado já pertence a um passado encapsulado no presente (OAKESHOTT, 2003) e, portanto, a uma tradição já estruturada na cultura histórica.

Esses três argumentos — a tradição dos feriados nacionais e, portanto, num mito de origem, a cultura escolar, a presença de um passado encapsulado na cultura histórica — estão relacionados à expressão de uma consciência histórica tradicional entre estes estudantes.

1.2 Relação com a aprendizagem histórica

Entendo que esta categoria normalmente estaria melhor articulada com a operação mental da orientação histórica. No entanto, o teor das respostas dos jovens inclinou, nessa questão, a categoria para a classificação na operação da experiência histórica, pois esses sujeitos indicaram as fontes de sua aprendizagem. A relação com a aprendizagem histórica mobilizou onze dos estudantes que justificaram suas escolhas. Eis as respostas de alguns:

“A ‘parte A’, pois as roupas e as falas dos personagens são as mesmas em que vimos nos livros de história. D. Pedro” (Hermíone – 15 anos – Vitória da Conquista).

“Versão A: D. Pedro, José Bonifácio e D. Leopoldina. Porque nos livros de História está escrito as coisas do passado e porque os professores de História falam” (Fausto – 16 anos – Três Lagoas).

Os dois estudantes aqui selecionados expressaram basicamente a mesma argumentação: compreenderam que a fonte para a identificação dos personagens históricos, que eles creem como verdadeiros, é o manual didático de História. Hermíone informou que “também as roupas e falas dos personagens são as mesmas em que vimos nos livros de História”. É importante considerar nessa argumentação que essa jovem não está só

mobilizando a narrativa escrita dos manuais, mas também as imagens reproduzidas a partir da pintura de Pedro Américo, pois é a fonte que representa o vestuário dos personagens. Fausto entendeu que os livros de História, ao narrarem o passado, também se referem a esses personagens históricos. Outra importante fonte indicada por esse jovem é o professor de História.

Ambas as fontes, livro e professor, fundamentam a escolha pela versão A. Essas respostas constataam, conforme já destacaram Jörn Rüsen (2010b) e Daniel Medeiros (2005), o papel relevante que os livros didáticos têm no processo da aprendizagem histórica dos jovens e conseqüentemente na formação de sua consciência histórica. No caso desses jovens, aparentemente, esses manuais didáticos possuem uma autoridade que orienta um sentido temporal relacionado a uma consciência histórica tradicional.

2 INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

A interpretação histórica foi mobilizada por dezoito jovens e suas justificativas foram organizadas nas seguintes categorias:

2.1 O significado do outro nas HQs

Doze jovens mobilizaram justificativas relacionadas à categoria do significado do outro nas histórias em quadrinhos. Elas ocorreram em relativo equilíbrio entre as escolas do Maranhão, Mato Grosso do Sul e Bahia. Somente um jovem a mobilizou no Paraná.

“B. Porque é uma história que tem um significado melhor; uma melhor compreensão da história que realmente conhecemos” (Linda – 16 anos – São João dos Patos).

Linda escolheu a versão B pelo seu significado histórico que permite a ela desenvolver “uma melhor compreensão da história que realmente conhecemos”. Implicitamente, essa jovem pode estar se referindo à perspectiva alternativa oferecida pela versão B e seus respectivos personagens. Enquanto os outros estudantes tenderam a apresentar uma concepção tradicional da História, a jovem maranhense aparentemente está indicando uma

compreensão mais sofisticada ao justificar sua escolha. Jörn Rüsen (2001) defende que a explicitação dos pressupostos teóricos de uma argumentação é o princípio básico do pensamento histórico científico.

2.2 Relação com a verdade histórica

Somente quatro jovens sul-mato-grossenses justificaram suas escolhas a partir da relação com a verdade histórica. Eis uma dessas respostas:

“D. Pedro, Leopoldina e Bonifácio. Porque são personagens reais de nossa história” (Judite – 27 anos – Três Lagoas).

Judite, com D. Pedro, Leopoldina e Bonifácio, defende a realidade da existência desses sujeitos. A frase “são personagens reais da nossa história”, reforça a sua identificação com esses outros do passado como sujeitos relevantes para a sua identidade histórica, ao menos no que diz respeito ao reconhecimento da existência desses personagens históricos. É claro que essa estudante tende a apresentar uma concepção dogmática da verdade ao não apresentar o porquê da veracidade desses personagens. Rüsen (2007a: 114-116) apontou que a afirmação da “minha história” ainda se relaciona com uma visão dogmática sobre o passado.

2.3 Relação com o método histórico

Um jovem de Três Lagoas justificou sua escolha sugerindo a relação com o método histórico.

“Porque os autores pesquisaram e fizeram parecido com os fatos históricos” (Micael – 15 anos – Três Lagoas).

Micael não respondeu quais os personagens históricos realmente existiram, mas focou sua atenção nas investigações dos autores, que ao usarem o método histórico conseguiram reproduzir os fatos históricos. Assim ele argumenta que as histórias em quadrinhos constroem uma narrativa semelhante ao processo histórico.

3 ORIENTAÇÃO HISTÓRICA

A mobilização da operação mental da orientação histórica foi realizada quarenta e seis vezes quando jovens justificaram suas escolhas. Essa operação foi organizada em quatro categorias.

3.1 O outro como sujeito da identidade nacional

Vinte e oito jovens estudantes justificaram suas escolhas a partir da categoria o outro como sujeito da identidade nacional. Dentre eles, dezesseis são de São João dos Patos.

“Leopoldina. Porque aquela época tinha várias crises e situações graves. Então, ela chegou para tomar essa decisão de um retorno imediato” (Rosália – 18 anos – Vitória da Conquista).

Destaquei essa citação porque Rosália foi a única estudante em todas as fases desta investigação que defendeu, pelo menos implicitamente, que foi Leopoldina a responsável pela Independência. Isso porque foi ela quem pediu a D. Pedro para que retornasse ao Rio de Janeiro devido a uma “época [que] tinha várias crises e situações graves”. Para essa jovem a decisão do retorno de D. Pedro foi realizada por influência de D. Leopoldina. Entendo ser possível que essa escolha feita por Rosália se deva pelo reconhecimento do outro semelhante, ou seja, a identidade de gênero pode ter sido a mobilizadora dessa resposta. É claro que, além dessa citação, a sua raridade em relação aos outros alunos possa ser uma evidência, mesmo que frágil, dessa hipótese. Há, portanto, uma possibilidade, ainda que pequena, de uma relação de intersubjetividade implícita entre essa jovem e as experiências do passado realizadas por Leopoldina.

“A majestade (*O mensageiro*). Porque foi quem entregou as cartas e alguns documentos a D. Pedro. Camaradas, porque ajudaram ele a salvar o Brasil. Leopoldina e José Bonifácio porque mandaram as cartas a D. Pedro” (Margrette – 16 anos – São João dos Patos).

Margrette fez uso de uma explicação multifatorial e provavelmente multiperspectivada na medida em que ela busca definir a responsabilidade de cada sujeito individual ou coletivo no processo de libertação do Brasil. Segundo McCullagh (1984: 19) a consistência lógica de uma narrativa histórica diz respeito a um maior âmbito explicativo seguida da simplicidade do mesmo. É perceptível que Margrette se identifica tanto com o mensageiro, quanto com os camaradas, pois estes foram responsáveis pela salvação do Brasil, o que pode denotar alguma importância desses personagens históricos para o autoconhecimento dessa jovem. Para ela, esses sujeitos, ligados às classes trabalhadoras, também são agentes da mudança histórica.

3.2 A memória histórica como identidade nacional

Como justificativa para suas escolhas catorze estudantes mobilizaram a memória histórica como identidade nacional, dos quais a metade é de Curitiba.

“D. Pedro, Bonifácio. Porque eles fizeram parte da história e precisam deles para o Brasil ser colonizado e existir hoje” (Alexandra – 17 anos – Vitória da Conquista).

“José Bonifácio e D. Leopoldina, pois foram eles que escreveram a carta para D. Pedro. D. Pedro, pois foi ele que declarou a “Independência ou morte!”; e esta data foi marcante até os dias de hoje. E, também, porque foi ele quem compôs o hino da Independência” (Christine – 16 anos – Curitiba).

Coloquei estas citações porque entendo que, ao propor a relação entre o passado e o presente, vinculam-se à memória histórica sobre a Independência do Brasil. Alexandra, mesmo apresentando um pequeno anacronismo — “precisavam deles para o Brasil ser colonizado” —, indicou que D. Pedro e Bonifácio foram responsáveis pelo Brasil existir até a contemporaneidade. A memória de suas ações ajuda a preservar a identidade nacional dos brasileiros. O argumento de Christine é diferente porque busca justificar a importância da data da Independência como “marcante até os dias de hoje” a partir de algumas evidências: a declaração de Independência, que sobrevive ainda na cultura histórica brasileira, e o próprio Hino da Independência composto por D. Pedro.

3.3 Relação estética com o passado

Três alunos de Curitiba mobilizaram ideias ligadas à relação estética com o passado.

“Em minha opinião aqueles que realmente existiram são os da versão A. Acredito nesta porque os desenhos são mais daquela época, os diálogos, a carta” (Mafalda – 16 anos – Curitiba).

“A’. Por causa das roupas e pelo jeito que conta a história” (Nasser – 15 anos – Curitiba).

Esses dois jovens defenderam a versão A como a que apresenta os personagens existentes na História e utilizaram estratégias estéticas em sua argumentação. Mafalda argumentou que as imagens, os diálogos e a carta são representações coerentes com o período da Independência do Brasil. Nasser defendeu o mesmo e especificou que a representação das roupas e o modo de narrar desta história em quadrinhos dão veracidade aos personagens históricos. Aqui a dimensão estética da cultura histórica (RÜSEN, 2009) fornece um fundamento de plausibilidade histórica para uma das narrativas históricas gráficas.

3.4 O passado como mudança

Uma jovem de Três Lagoas justificou sua escolha a partir da mudança histórica.

“Nenhum, pois as duas histórias e o Brasil também vivem momentos de mudanças. D. Pedro, na história A” (Lavínia – 15 anos – Três Lagoas).

Apesar de Lavínia ter escrito num primeiro momento que nenhum personagem representado era verdadeiro e depois ter afirmado que D. Pedro da versão A existiu, a sua forma de argumentar é diversa de todos os outros jovens. Isto porque ela considerou o fluxo de mudança temporal narrado pelos quadrinhos, assim como o próprio processo de transformação histórica que a sociedade brasileira estava passando naquele momento do passado e em outros. Entendo que não é possível afirmar, só por essa resposta, se essa jovem apresenta uma consciência histórica ontogenética, mas o reconhecimento, pelo sujeito, das mudanças históricas como fundamento da História fornece uma boa base para essa inferência. Isso porque as operações genéticas da consciência histórica se diferenciam das outras

(tradicionais, exemplares e críticas) pelo seu caráter transformativo do processo histórico (RÜSEN, 2010a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é possível a construção da relação entre a verdade histórica e a intersubjetividade mobilizada pelos jovens estudantes de ensino médio a partir das histórias em quadrinhos investigadas. Conforme esta investigação entendo que esta relação estrutura-se pelas três operações mentais da narrativa histórica: a experiência histórica, a interpretação histórica e a orientação histórica.

Na justificativa às citações dos personagens realmente existentes, os alunos mobilizaram as três operações mentais da consciência histórica. Uma atitude de afirmação da tradição predominou entre nos jovens que focaram na operação da experiência histórica. Com relação aos personagens do passado considerados pelos jovens como indivíduos reais e que realmente existiram houve um predomínio na citação de sujeitos individuais sobre os coletivos. No que diz respeito à aprendizagem histórica, os livros didáticos e os professores foram indicados como as principais fontes de conhecimento dos personagens do passado. Todas elas podem ser relacionadas ao conceito de segunda ordem de evidência histórica e a categorias de sujeitos históricos. Essas categorias tenderam a mobilizar uma disposição afirmativa das narrativas tradicionais advindas, principalmente, da cultura escolar.

Quando os estudantes mobilizaram a operação da interpretação histórica houve o predomínio da escolha do significado que os personagens históricos tinham no contexto das duas histórias em quadrinhos. Sob este aspecto também foi hegemônica uma justificativa pautada na afirmação tradicional da cultura histórica. Somente uma jovem apresentou alguns elementos de teorização sobre a significância histórica dos personagens do passado. A relação com a verdade histórica e com o método histórico também foi indicada entre os jovens.

No entanto, a operação mental mais mobilizada utilizada entre os jovens foi a orientação histórica, principalmente no que se refere à importância da ação dos sujeitos para a construção da história nacional, formando, assim, uma identidade nacional. A mobilização da memória histórica foi muito relevante como fator de orientação de sentido temporal para os

jovens e a constituição de suas identidades históricas. Alguns anacronismos surgiram nas interpretações dos jovens, mas predominou a aceitação das narrativas tradicionais sobre os personagens históricos. No entanto, houve uma jovem, Margrette, de São João dos Patos, que apresentou uma explicação multifatorial baseada na ação dos sujeitos, explicitando inclusive uma relação de intersubjetividade entre o significado desses personagens e o valor da ação coletiva defendida por essa estudante.

Sob esse ponto de vista a intersubjetividade mobilizou implicitamente a atitude afirmativa em relação às narrativas tradicionais vinculadas à formação da identidade nacional. Aparece, então, uma subjetivação que internaliza positivamente a tradição e as normas generalizantes normalmente internalizadas a partir da cultura escolar. Apareceu uma intersubjetividade vinculada à atitude transformativa em relação aos dados da tradição. Subjetivações ligadas aos valores da multiperspectividade, da mudança histórica e, principalmente, do reconhecimento do outro como um sujeito que vive em uma comunidade humana e com potencialidades futuras de igualdade foram raras, mas surgiram de maneira implícita.

Referências Bibliográficas

DINIZ, André; EDER, Antonio. **A Independência do Brasil**. São Paulo: Escala Editorial, 2008, p. 41-45.

FRONZA, Marcelo. **O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio**. Curitiba, 17 mai. 2007 (Dissertação de Mestrado em Educação – UFPR).

_____. **A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos**. Curitiba: 2012 (Tese de Doutorado em Educação – UFPR).

LEE, Peter; ASHBY, Rosalyn. Progression in historical understanding among students ages 7-14. In: STEARNS, Peter N.; SEIXAS, Peter; WINEBURG, Sam (eds.). **Knowing, teaching and learning History: national and international perspectives**. New York: New York University Press, 2000, p. 199-222.

LEE, Peter. Understanding History. In: SEIXAS, Peter (ed.). Task se 1 to 3. **Theorizing historical consciousness**. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 2006.

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

- McCULLAGH, C. Behan. **Justifying historical descriptions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. **A formação da consciência histórica como objetivo do ensino de história no ensino médio: o lugar do material didático**. Curitiba: 2005. (Tese de Doutorado – PPGE – UFPR).
- OAKESHOTT, Michel. **Sobre a História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2003.
- PAIVA, Miguel; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Da Colônia ao Império: um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito**. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 5-9.
- RÜSEN, Jörn. **A razão histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.
- _____. **Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica**. Brasília: UnB, 2007.
- _____. **História viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: UnB, 2007a.
- _____. **¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia**. [Unpublished Spanish version of the German original text in K. Füssmann, H.T. Grütter and J. Rüsen, eds. (1994). *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau, pp. 3-26], 2009. Acesso em 27 mai. 2011, disponível em: http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf
- _____. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; Martins, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a, p. 93-108.
- _____. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; Martins, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010b, p. 109-127.
- SHUTER, Paul; CHILD, John. **Skills in History: Book 1: Changes**. Londres: Heinemann Educational Books, 1990.
- SOBANSKI, Adriane de Quadros et al. **Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções**. Curitiba: Editora Base, 2010.